

## **O Alto Rio Negro indígena em mais de dois mil anos de história**

The indigenous Upper Rio Negro in over two thousand years of history

Francisco Sarmiento<sup>1</sup>

DOI 10.26512/rbla.v11i02.26900

*Recebido em agosto/2019 e aceito em setembro/2019.*

### **Resumo**

Este artigo busca uma compreensão dos processos históricos e culturais do Alto Rio Negro em mais de dois mil anos, focalizando a ocupação ancestral da região por diferentes povos indígenas, cuja interação resultou na formação de um sistema regional peculiar, o qual requer um diálogo interdisciplinar envolvendo o conhecimento e tradições dos povos indígenas dessa região, a etnologia, a arqueologia, a linguística histórica, e o registro histórico e as discussões da ecologia histórica, em que são estabelecidos nexos entre o passado e o presente. Ao final, propõe questões sobre a ocupação dos Tukano Orientais com alguns elementos para a reconstrução dessa ocupação presentes em suas tradições orais.

Palavras-chave: Amazônia indígena. Alto Rio Negro. Povos Nadahup-Arawak-Tukano. Sistema cultural. Reconstrução histórica.

### **Abstract**

This article seeks an understanding of the historical and cultural processes of the Upper Rio Negro in more than two thousand years, focusing on the ancestral occupation of the region by different Indigenous peoples, whose interaction resulted in the formation of a peculiar regional system. This system requires an interdisciplinary dialogue involving the knowledge and traditions of the Indigenous peoples of this region, ethnology, archeology, historical linguistics and the historical records and discussions of historical ecology, establishing links between the past and the present. Finally, it proposes questions about the occupation of the Eastern Tukano with some elements for the reconstruction of this occupation present in their oral traditions.

Keywords: Indigenous Amazonia. Upper Rio Negro. Nadahup-Arawak-Tukano peoples.

---

<sup>1</sup> Tukano (*Ye'pa-Mahsã, Di'ipeé-Porã*) – Teiá, Alto Rio Negro, noroeste do Amazonas, Brasil –, doutorando em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Tem se dedicado ao estudo do Noroeste Amazônico nas áreas de etnologia, mitologia, sociolinguística e etnohistória, sobretudo, dos grupos Tukano Orientais.

Cultural system. Historical reconstruction.

## 1. Introdução

Para uma compreensão dos processos históricos e culturais do Alto Rio Negro se faz necessário um diálogo interdisciplinar que leve em conta as tradições dos povos da região, que nos aproximar de um entendimento do presente a partir de elementos de um passado distante ou mais recente. Nessa perspectiva, apresento uma discussão da questão para fins de análise histórica e cultural da área<sup>2</sup>, entendida como uma região cultural e vista aqui com a ideia de longa duração, conceito advindo dos estudos de Fernand Braudel. A abordagem segue uma visão mais abrangente aceita por muitos dos autores utilizados por nós. Deve servir para entender a antiguidade da presença dos povos indígenas da região, assim como o conhecimento de mobilidades de seus respectivos grupos ao longo do tempo, motivadas por fatores internos ou por fatores externos .

A região do Alto Rio Negro<sup>3</sup>, entre as fronteiras e adjacências do Brasil, Colômbia e Venezuela, é habitada por cerca de 29 povos pertencentes às famílias linguísticas Arawak/Maipure do Norte<sup>4</sup>, Tukano Oriental<sup>5</sup>, Nadahup<sup>6</sup>, Kákua-Nukak<sup>7</sup> e Yanomami<sup>8</sup>, sendo a Amazônia a área de maior diversidade

---

2 Este artigo foi elaborado a partir da primeira parte do segundo capítulo de minha dissertação de mestrado (Sarmiento 2018), porém, conta com vários acréscimos que não estão no primeiro texto.

3 O Alto Rio Negro, considerado dessa forma, envolve aqui desde o curso médio ao alto, em que se destacam as sub-bacias do Waupés, Isana, Inírida e, ainda, Apaporis (este fluente do Caquetá-Japurá, desaguando fora da bacia do rio Negro).

4 Baniwa, baré, kuripako, tariana e werekena.

5 Arapaso, Bará, Barasana, Desana, Karapanã, Kubewa, Makuna, Pirititapuya, Piratapuya, Pisamira, Siriana, Taiwano, Tatuyo, Tukano, Tuyuka, Wanana, Yebe-mahsã e Yuruty. São chamados de Tukano Orientais por pesquisadores para os distinguir dos Tukano Ocidentais: Koreguahe, Maihüki, Secoya e Siona – que estão na região do Napo, nas fronteiras entre Colômbia, Equador e Peru. Ambos os grupos, separados regionalmente, seriam um só no passado distante. Usaremos ainda só Tukano para nos referir aos primeiros.

6 Döw, Hupda, Nadëb e Yuhupde. O termo “Makú” ou “maku”, de origem Aruák, é usado em toda região do rio Negro. No entanto, possui caráter depreciador. Nos últimos tempos, linguistas e antropólogos que trabalham com esses coletivos vêm tentando alternativas para nomear esta família linguística, como Nadahup (EPPS 2005) ou Negro-Japurá (Ramírez 2001), por exemplo, embora não pareça dar conta do caldeirão multilinguístico para o qual não há consenso entre os estudiosos, incluindo a discussão acerca de quais grupos fazem parte da família, pois há ainda quem inclua os Kákua e os Nukak entre a mesma ou separe estes numa família diferente (Lolli 2016).

7 Kákua e Nukak.

8 O Yanomami aqui se refere a um único grupo desta família, chamado também yanomami, que está afastado mais ao nordeste da área, mas sem relações e costumes que lhe inclua no

étnica e linguística e, também, uma região relativamente documentada desde o século XVIII em crônicas e em relatos de naturalistas, missionários, militares, representantes do governo e em etnografias realizadas etnógrafos.

Os trabalhos etnográficos constataam que os povos desta região possuem um complexo sistema regional aberto, articulados entre si por diferentes circuitos e redes de intercâmbio que envolvem matrimônios, objetos rituais e cultura material, compartilhando ainda características gerais de organização social (unidades exogâmicas patrilineares e segmentares organizadas hierarquicamente, residência patri/virilocal, terminologia dravidiana de parentesco, unidade de casa comunal como modelo típico de assentamento etc.), de ciclos ritualísticos baseados nas festas intergrupais de oferecimento e trocas de alimentos, de danças, utilização de flautas e trombetas sagradas durante a iniciação masculina, segmentos de narrativas míticas e conhecimentos xamânicos. Tradicionalmente, realizam casamentos entre grupos de fratrias interétnicas, no caso dos Tukano, ou entre fratrias internas, no caso dos Nadahup e Arawak<sup>9</sup>. Esta configuração desse ser levada em conta neste modo de análise para que ela não seja considerada como anacrônica.

Por seu lado, as pesquisas arqueológicas (Neves 2005, 2012b) demonstram que as origens deste sistema regional são anteriores à chegada dos europeus. Os Tukano faziam parte do último contingente indígena a chegar e integrar um sistema já em formação. Em relação a estes, os estudos que cruzam dados da linguística histórica e da etnologia (Cayón & Chacon 2014) mostram que entre 2.500 e 2.000 AP começou um processo de divisão dos Proto-Tukano em dois ramos, ocidental e oriental; aqueles mais ao oeste da região se relacionaram durante séculos com povos de famílias distintas e, por isso, adquiriram modos de vida muito diferentes.

Sintetizando o quadro que veremos, os Tukano, vindos do Oeste, chegaram ao Alto Rio Negro onde já se encontravam grupos antigos das famílias Arawak e Nadahup. Ao chegarem à região, em vista de conquistar territórios e

---

complexo rionegrino aqui verificado.

9 Grande parte dos casos de exogamia configura-se também como exogamia linguística, principalmente, entre os grupos Tukano. Porém, o cenário dos últimos tempos vem demonstrando que o ideal da exogamia de língua vem progressivamente deixando de ocorrer, como pode ser notado pela predominância da língua tukano adotada por outros grupos. Nos últimos tempos, considerações como de Àrhem (2002), S. Hugh-Jones (2004) e Cayón & Chacon (2013) chamam atenção que a correspondência povo-língua ou noção de exogamia linguística é sobrevalorizada quando considerada dentro de realidades mais locais. Assim como estes autores, entendemos que a língua é um elemento que pode ser condicionante e, ao mesmo tempo, condicionado por padrões de organização social e culturas mais amplas e, para o Noroeste Amazônico, deve ser considerada com base nos processos históricos e socioculturais pelos quais têm passado seus povos, questões como as que procuramos apresentar neste trabalho.

relações, passaram a interagir com povos de línguas arawak, inicialmente com conflitos que resultaram, provavelmente, em trocas ou laços de casamentos e intercâmbios econômicos e culturais. Dessa forma, adquiriram o estilo cultural que se apresenta na região, ainda que resguardem marcas de costumes e identidade linguística que os diferencie no meio desse sistema, assim como se pode pensar que também contribuíram de algum modo para o construí-lo e assegurá-lo. Assim, desde cerca de dois milênios, conformaram com os falantes de Aruak o núcleo de um sistema regional aberto, multilíngue e pluriétnico, no qual também há povos Nadahup que o integram, ainda que estes guardem características também diferentes dos demais, fazendo dessa região um caso único no contexto da Amazônia.

As discussões para o caso do Alto Rio Negro somam-se a outras regiões da Amazônia e ajudam a reconstruir a história indígena em seu vale. Sabe-se que, nos últimos tempos, a história cultural amazônica está sendo revelada sob novas formas, com descobertas e discussões advindas, sobretudo, da arqueologia (Neves 2001, 2006, 2011, 2012a; Heckenberger 2002, 2005, 2011; Petersen, Neves & Heckenberger 2001; Eriksen 2011) e da ecologia histórica (Balée 1989, 1992, 2013; Posey & Balée 1989; Balée & Erickson 2006), em conjunto com a etnologia e a demografia histórica que permitem enxergar a Amazônia não mais como um ambiente homogêneo, mas com uma diversidade ecológica construída pela atividade humana durante muito tempo, fazendo vir abaixo a imagem de que seu passado fora marcado pela vida social monótona de baixa demografia, com nível tecnológico rudimentar e insignificante de cultura agrícola, representando alteração antrópica ambiental quase nula, enfim, com formas de organização social de seus povos conformadas a uma resposta adaptativa às características e às limitações ambientais. Ao contrário, estas pesquisas sugerem que há milênios a Amazônia era um centro tanto de inovação tecnológica, apresentando as datas mais antigas do continente para a invenção da cerâmica, como de um inigualável processo de domesticação de plantas que configurou a paisagem atual da floresta (Oliver 2001; Neves 2016; Levis et al. 2017; Cayón et al. 2018), pois suas sociedades teriam sido responsáveis, em grande medida, pela produção e reprodução da diversidade ambiental ou que realizaram modificações marcantes e duradouras nas condições naturais dos biomas que hoje se verificam (Balée 1989, 2013; Heckenberger 2005a; Balée & Erickson 2006).

Estes estudos, assim como a impressão contada pelos europeus nos seus primeiros registros e os documentos que atestam suas práticas de dominação, demonstram que, no passado, a Amazônia sustentou uma numerosa população (Roosevelt 1980; Denevan 1992; Heckenberger et al. 1999). Nessa complexidade, há cerca de dois mil anos atrás, teriam se formado sistemas regionais integrados altamente dinâmicos, que levaram ao aumento dessa população e da densidade das redes sociais, inclusive com intercâmbios econômicos entre terras baixas

e altas (Ramírez de Jara 1996; Hornborg 2005), retratando uma complexidade política no milênio anterior à chegada dos europeus (Fausto & Heckenberger 2007).

O registro arqueológico aponta que, na Amazônia, suas formas de organização sociopolítica tenham sido alteradas no primeiro milênio DC, havendo um crescimento demográfico com assentamentos amplamente ocupados, produzindo mudanças importantes na composição dos solos e da vegetação (ver Petersen et al. 2001; Neves 2011, 2012a), derivados de atividades humanas num mesmo lugar durante vários séculos, entre outros. Tais alterações não estariam associadas a uma única tradição nem a uma única família linguística, pois o registro mostra uma grande diversidade cultural que se refletiu no desenvolvimento simultâneo de distintas fases ou tradições cerâmicas em diferentes lugares, que por volta dos séculos XI e XII DC teriam levado ao destaque da cerâmica policroma por uma vasta região entre o sopé dos Andes e o baixo Amazonas, assim como a construção de estruturas defensivas, situações relacionadas com a dispersão de falantes tupi que se dirigiam ao vale do Amazonas (Neves 2011, 2015). Nessa mesma época, com os sistemas regionais multiétnicos já há muito estabelecidos, também haveria especialidades de produção, sendo seus produtos trocados numa extensa rede comercial de longa distância (Hornborg 2005).

Ao lado da existência de grande população, os registros que deixaram os primeiros europeus também apontam a constatação dos sistemas regionais em várias regiões da Amazônia, entre os quais nas bacias do Orinoco e Negro (Whitehead 1994; Arvelo-Jiménez, Morales & Biord 1989; Arvelo-Jiménez & Biord 1994; Biord 2006; Zucchi 2010). Segundo Neves, estes sistemas regionais podem ser caracterizados por uma série de aspectos básicos:

Em primeiro lugar, são multiétnicos, sendo a língua um importante marcador étnico. Em segundo lugar, são integrados por atividades religiosas periódicas e também por redes de comércio, neste caso com produção especializada de diferentes tipos de mercadoria, utilitárias e não utilitárias. Em terceiro lugar, como o nome indica, estes são sistemas regionais onde interagem regularmente populações locais dispersas em aldeias às vezes localizadas dezenas de quilômetros de distância. (Neves 2005:73)

As discussões indicam que estes sistemas demonstram, no mínimo, entre as formas de relações sociopolíticas, a existência de uma postura contrária à centralização do poder, em que as relações hierárquicas e horizontais, no passado, podiam ser relativas e contextuais num universo pluriétnico e multilíngue (Cayón et al. 2018). No entanto, durante o avanço europeu sobre as regiões, as características destes sistemas regionais permitiram tanto a resistência indígena como a dominação colonial que incentivou as guerras interétnicas e a captura de escravos (S. Hugh-Jones 1981; Useche 1990; Whitehead 1992; Wright 1992,

2005; Andrello 2010; Cayón & Chacon 2014; Meira 2018).

A formação de sistemas regionais na Amazônia tem sido associada à dispersão de povos falantes de línguas Aruák (Hill & Santos-Granero 2002; Santos-Granero 2002; Zucchi 2002; Heckenberger 2002, 2005a; Fausto 2005; Hornborg 2005; Hornborg & Hill 2011; Hornborg & Eriksen 2011; Eriksen 2011) como veremos à frente. As análises afirmam que por trás desses sistemas está certa matriz Aruák, sustentada por princípios organizativos e um ethos distintivo ao longo de um contínuo intercâmbio de ideias, valores, práticas e conhecimentos com povos vizinhos, voltado a um estilo de relações pacíficas e diplomáticas (Hill & Santos-Granero 2002; Santos-Granero 2002; Fausto 2005). Constata-se ainda atualmente que falantes de línguas Aruák convivem com povos de outras línguas que formam sistemas regionais multilíngues, como no Alto Xingu e no Alto Rio Negro<sup>10</sup>. O caso deste último é o que veremos aqui.

## 2. Hipóteses da ocupação humana no Rio Negro

No Alto Rio Negro, pesquisas combinadas entre arqueologia, evidências linguísticas e narrativas ancestrais dos povos da região estão levando a discutir algumas hipóteses da ocupação humana antes da chegada dos colonizadores e indicam que seu sistema regional é de origem pré-colonial (Neves 2005:91, 2012:236; Cayón & Chacon 2014:213). As investigações realizadas até o momento sinalizam que os povos Nadahup, Aruák e Tukano estão há, não menos, do que mais de dois mil anos na região do rio Negro e seu entorno (Neves 2006, 2012; Meira 2006: 191).

Já indicações contidas nos registros dos primeiros viajantes, os históricos e dados de registros das políticas de escravidão, capturas, descimentos e massacre nos primeiros séculos (XVII e XVIII) permitem supor que, na área, a população era bem maior do que se vê atualmente (ver Sweet 1974; Farage 1991; Wright 1991, 2005; Meira 1994, 2006, 2018; Sarmiento 2018). Dentro deste cenário histórico, muitos povos deixaram também de existir no contato com os estrangeiros em decorrências de escravização, guerras e epidemias. Portanto, havia no passado maior diversidade de povos e estes possuíam relações muito

---

<sup>10</sup> Ainda que possuam características próprias, nos sistemas dessas duas regiões se destacam o intercâmbio, a hierarquia e a vida cerimonial, em oposição a outras regiões amazônicas onde estas características não aparecem tão marcadas (Andrello, Guerreiro & Hugh-Jones 2015). A identidade comum pode provir de um ideal pacífico de vida que envolve um conjunto de comportamentos, valores morais e estéticos e trocas em que se ritualiza o poder político dos chefes, como no caso do Alto Xingu (Fausto 2005; Guerreiro 2016), ou no compartilhar tanto um conjunto de ideias que envolve ancestralidade, territorialidade e direitos exclusivos sobre bens materiais e imateriais, como redes de trocas, uma etiqueta e um sistema semelhante de conhecimento associado a narrativas, rituais, cultura material, etc., codificado na geografia e na memória, como no caso do Alto Rio Negro (C. Hugh-Jones 1979; S. Hugh-Jones 1979, 2012; Hill 2011; Cayón 2012, 2013; Cayón et al. 2018).

dinâmicas e sofisticadas.

Na região, com exceção das terras firmes, as outras não são utilizadas para agricultura. Os povoados estão situados nas margens altas, possuindo entorno com extensão de solos que possam ser aproveitados durante muitos anos. Mas a baixa demografia da área corresponde mais ao desequilíbrio ou decréscimo populacional provocado pelas ações externas ao longo dos últimos séculos. Assim, a paisagem regional nos faz pensar que no passado pode ter havido realmente uma maior interatividade de seus povos com o ambiente.

Desse modo, ao percorrer os diversos rios na região, se percebem imensas extensões de terras desabitadas, mas que apresentam paisagens com evidências de modificações antrópicas que podem ser percebidas na textura da floresta que recobre os locais, sendo muitas vezes sítios com terras pretas e com sinais de cerâmica. Em trechos desses rios, há lugares em que pedaços de cerâmica afloram nas próprias beiradas ou barrancas. Tivemos a oportunidade de ver peças inteiras ou cacos de cerâmica antiga em diferentes locais, nos rios Waupés, Teiá, Wenewexi, Wayuanã, Marauiá e Darahá, como em taperas no próprio rio Negro e na extensão do povoado Santa Inês, na sede de Santa Isabel do Rio<sup>11</sup>. Também neste último se pode encontrar machados de pedra. Na verdade, muitas pessoas encontram esses tipos de machados e cerâmicas em toda região e referem-se aos primeiros como “pedra de Arú” que, segundo os estas, “provoca trovão”<sup>12</sup>. Além disso, se constata, na bacia do rio Negro, a maior concentração de petroglifos do vale amazônico, situados em dispersos locais de seus rios que vai desde o baixo até seus afluentes do alto (ver Stradelli 1990; Koch-Grünberg 2010 [1907]; Vale 2002; Xavier 2008, 2012). Assim, podemos imaginar como eram ricamente habitados esses rios no passado. Para discutir essas questões da ocupação humana na área, iniciamos apresentando e relacionando pesquisas

---

11 Desde a laje de pedra em frente ao prédio da associação indígena local em direção ao leste – a povoação portuguesa de Santa Isabel foi colocada neste local em 1774, sendo transferida de Yanauarí, local abaixo da foz do Yurubaxi. Instalou-se a nova povoação num local antes chamado Uatauarí, ao leste dessa laje de pedra. Conforme o naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira (1983), em 1785, quando este passou pelo local, o mapa apenso de sua população indicava índios das nações “uaupés” (qual?), “juris” (yuri, yurupixuna), “passes”, “uerequenas”, “baniúas” (do isana?), “baiana” (de língua baré), “maquiritari” (do Padamo no Orinoco?) e “macu” (qual?), todos advindos da prática de descimentos (Sarmento 2018a: 89-90). Como o antigo nome do lugar atesta, este devia ser habitado anteriormente por povos Arawak da própria intermediação – geralmente os Arawak nomeavam os locais onde habitavam com o nome do seu próprio chefe (a partícula “-ari”, indicador de rio ou curso de água, é comum também tanto em nomes de chefes como de antigos locais habitados na região).

12 Arú é o ente relacionado à friagem de mesmo nome que chega à região em meados dos anos, sendo que: “[...] os antigos machados de pedra são chamados de ‘pedra de Aru’. Dizem que esses tipos de machados possuem capacidade de provocar trovões, raios, relâmpagos e atrair chuvas com tempestades” (Sarmento 2018b: 9).

interdisciplinares.

A primeira hipótese sobre a ocupação da região fora elaborada por Nimuendajú (1955: 163-166) após passar na área em 1927. Para o autor, a característica social dessa região teria sido formada a partir de três “estratos” culturais: 1) o mais antigo seria de grupos “caçadores e coletores seminômades” identificados com os atuais “Maku” (Nadahup) e os uaicá e xiriana (grupos conhecidos hoje como yanomami); 2) o segundo teria vindo, no início da era cristã, de grupos com “culturas mais avançadas”, como os Aruák e Tukano; 3) o último teria sido formado a partir da chegada dos europeus no contato com representantes do segundo estrato, resultando em uma cultura híbrida (“cabocla”). Para Nimuendajú, os Aruák teriam sua origem ao norte, em regiões do alto Orinoco e Guainia, representados pelos Baré, Manao, Werekena, Baniwa, Kuripako e Tariana, que teriam chegado em ondas sucessivas, atingindo zonas do médio rio Negro e rios como Yurubaxi, Waupés, Isana, Xié e Cassiquiare. Os Tukano teriam vindo de algum lugar do oeste, possivelmente das regiões do Içá e Napo, pois aí ainda se encontram os chamados Tukano ocidentais que chegaram desalojando os Aruák e continuaram se expandindo.

A esta hipótese, Galvão (1979 [1959]: 152) acenou que os tipos e sucessão de ocupação podem ser aceitáveis mas somente em parte, pois teriam necessidade de evidências arqueológicas e, que “a concentração de aruak no baixo Rio Negro, pode ser indicativa que essa onda migratória tivesse vindo pelo Amazonas e subido aquele rio”. Quanto à inclusão dos Yanomami (“uaicá”, “xiriana”) na mesma, considerando que Nimuendajú tenha passado na região em 1927 e publicado seu relatório em 1950, verificamos que até fim da década de 1930 esse grupo não era ainda notícia no rio Negro. De acordo com as histórias orais dos mais velhos, representantes dos povos do rio Negro, somente em fins da década de 1940 é que os Yanomami começam a aparecer nos afluentes Cawaburi e Marauí e margem norte do médio rio Negro, vindos das regiões de Parima, na Venezuela, por encontrar agora áreas desocupadas pelos antigos habitantes Aruák, diminuídos por séculos de contato com os estrangeiros e, nesse momento, os restantes nas mãos dos patrões de extrativismo e dos missionários salesianos. Portanto, não daria para incluir este grupo na hipótese de Nimuendajú ao lado dos demais que estariam há milhares de anos na região. Por outro lado, ele pode ter adquirido notícias para a época por meio das divulgações dos missionários no rio Negro a partir dos fins de 1940 e, sobretudo, informações nos escritos bem anteriores de Koch-Grünberg, mas para zonas bem distantes da área<sup>13</sup>.

Posteriormente, o trabalho de Reichel-Dolmatoff (1985) concluiu, após análise de narrativas de grupos Tukano, que o sistema sociocultural do Waupés

---

13 Trata-se dos escritos de Theodor Koch-Grünberg, como o vol. 3 de Von Roraima zum Orinoco [Do Roraima ao Orinoco] (1916-1923) e A distribuição dos povos entre rio Branco, Orinoco, rio Negro e Japurá (1922).



poderá ser melhor verificado dentro de uma perspectiva que inclua os padrões de relações entre eles e os Aruák do Noroeste Amazônico. Reichel-Dolmatoff (1997 [1985]) considerou tradições orais dos Tukano e sugere que quando estes chegaram ao Waupés já haviam outros povos na área, referidos como *behkára* e *pojá*, respectivamente grupos Aruákk e “Makú”. Ao longo do tempo, aqueles tiveram que prevalecer e se estabelecer sobre estes no território do Waupés, após guerras e conflitos que foram resolvidos por relações de trocas matrimoniais, que levaram às regras de exogamia, ao aperfeiçoamento da agricultura e à adoção de ritos de origem Aruák. Os *Behkarã* são identificados com os *Heemadakenai* (“povo da anta”), fratria Baniwa do alto Isana. Contudo, vimos que os Baniwa Waliperi-dakenai referem-se à anta (*heema*) também como seu avô. A palavra *behkára/behkarã*, em desana e tukano, é o termo para chamar os Baniwa. A referência que temos é que estes foram assim nomeados em Tukano porque antigamente se viu que entre eles se comia carne de cobras *diautikaro* (sucuriyú) e *mahkãpirõ* (esp. s/ trad.). No entanto, *behkára/behkarã* está próximo também de *wehkurã* (*wehkur*: anta; *-rã*: povo) e, ainda, de *bthkurã* (velhos, antigos, avós) – “anta” e “avô” são duas coisas que estão associadas entre os Baniwa. Quanto aos Nadahup, estes são, realmente, referidos como *pojá*, em desana, e *posá/peorã*, em tukano. A questão é que a discussão acima aponta os Nadahup e os Aruák anteriores na região.

Por outro lado, Vidal (1987) verificou para os Piapoco (Aruak) que suas histórias orais, narrativas tradicionais e registros escritos indicam que eles, em tempos pré-coloniais, teriam se deslocado, saindo do Aiari, no Isana, até o Guaviare, na Colômbia. As discussões de Hill & Wright (1988), como Vidal (1987) e Vidal & Zucchi (2000), indicaram também que cantos cerimoniais dos Wakuenai (Baniwa) e Hohodene (fratria Baniwa) sobre as viagens de *Kuwai* (herói criador de grupos Aruák no Noroeste Amazônico) – por uma vasta área que abrange desde os Andes, a foz do Amazonas e o delta do Orinoco – podem estar relacionados às suas narrativas tradicionais de migração. Os estudos etnohistóricos desenvolvidos por Wright (1992, 2005) também estão nessa direção. Porém, primeiramente, a antiga hipótese de Nimuendajú sobre a ocupação dos Aruák a partir do Norte é discordada por Wright (1992: 256s). Este considera que a ocupação da área por este povo é muito mais antiga à época cristã, podendo ter origem interna e não externa e ter partido no sentido sul-norte e não norte-sul, como se supôs. Para esta nova hipótese, Wright considera análise de tradições orais dos grupos Aruák/Maipure do Norte, sobretudo dos hohodene (fratria baniwa), e reconstruções linguísticas destes. As menções contidas nas tradições orais, as evidências linguísticas dos grupos, a presença de petroglifos nas cachoeiras (embora ainda não haja estudos arqueológicos) indicariam uma ocupação mais antiga dos Aruák no Isana. A discussão traçada pelo autor (1992: 258s) indica que, ao contrário das tradições dos grupos Tukano que contam suas migrações com pontos de origem fora da região que depois sobem o rio Negro

e Waupés ocupando a bacia deste, as tradições Aruák de viagens de *Kuwai* têm como ponto de origem e retorno o Noroeste Amazônico; na maior parte dos casos, o lugar de Hípana, na cachoeira do Apuí (no Aiari, Isana). Nos lugares por onde passou teria deixado a música das flautas para as gerações seguintes. Segundo Wright, tudo indica que suas viagens estariam dentro do território histórico dos Aruák no Norte Amazônico, pois há uma correspondência do mapa de suas viagens com o mapa de distribuição dos grupos dessa família.

De fato, Zucchi (2002: 218-219, 2010) sugere algumas hipóteses que poderiam explicar a expansão dos Aruák/Maipure do Norte no Noroeste Amazônico, a partir da bacia do Isana, pois, segundo a autora, esta região demonstra evidências de ocupação Proto-Aruák entre 4.000 e 3.500 anos AP, que iniciaram uma primeira expansão gradual no alto rio Negro e baixo Guainía. Depois, entre 3.000 e 2.500 anos AP, o aumento populacional, o aperfeiçoamento da agricultura etc., teriam levado a uma segunda dispersão destes Aruák para outras regiões, como o leste, o oeste, o Orinoco e o baixo rio Negro, marcando ou associando os eventos míticos e históricos desse tempo a lugares específicos dentro de sua cosmografia e ligados com a “escrita topográfica” (os petroglifos).

Meira (2005: 192) cita estudos arqueológicos mais antigos que reúnem tanto dados arqueológicos como linguísticos e de tradição oral indígena a exemplo de Lathrap (1970) e Zucchi (1987), respectivamente, que indicam a presença de Proto-Aruák/Maipure entre 3.000 e 1.000 AC na foz do rio Negro e médio Amazonas, a partir dos quais teriam se dividido em quatro grupos. Destes, três teriam se deslocado para o rio Negro: os Proto-Kurypako para o Waupés e Isana; os Proto-Baré para o médio, alto rio Negro e Cassiquiari; e os Proto-Manao para o médio rio Negro e seus afluentes. O mesmo autor cita outros trabalhos, como os de Vidal (1987), Perez (1988) e Nimuendajú (1944) que apontam, em tempos pré-históricos, os Baré no médio rio Negro e seus tributários Wayuanã, Marié, Cawaburi e Iá.

Pesquisas mais recentes com metodologias teóricas reformuladas e interdisciplinares têm revelado novos entendimentos. Para o rio Negro ainda há poucas pesquisas de arqueologia. Algumas existentes são apresentadas por Neves (2015: 53) e se limitam às regiões do baixo rio Negro e a que fora efetuada pelo próprio autor (Neves 1997) no alto rio Negro, na região do médio Waupés – que veremos adiante. Devido a isso, ainda, há muitas lacunas que só virão a ser clareadas por pesquisas futuras na região. No entanto, fontes como de Silva Costa (2009) e Heckemberg et al. (1999) apontam indústria lítica (ferramentas de pedra) de 9.460 AP e sequências de indústria cerâmica entre 6.850 e 400 AP, na região do baixo rio Negro.

Um estudo que dá melhores evidências de antiga ocupação humana na bacia do rio Negro vem do trabalho de Neves (2012a) na área de interflúvio do rio Negro e Solimões, quase que defronte à Manaus, chamado sítio Dona

Stella, com ocupação que remonta ao início do Holoceno, por volta de 6.500 AC. Esta área aponta registro de assentamentos em zonas de campinarana e junto de igarapés, em que seus habitantes produziam objetos de pedra, incluindo pontas de projéteis bifaciais conseguidos a milhares de quilômetros do local, ao norte. Isso pode elucidar que, nesse tempo, locais de terra firme com igarapés próximos, ou não, aos grandes rios eram habitados. Para Neves (2015: 53), é possível que os primeiros habitantes do rio Negro tenham tido modos de vida baseados na caça e pesca e no manejo de plantas domesticadas e não domesticadas. Modo esse encontrado ainda hoje entre os grupos Nadahup no Alto Rio Negro. Segundo o mesmo autor, ao contrário do que se pôde pensar sobre o que sejam modos de vida atrasados ou superados pelo advento da agricultura, os registros arqueológicos indicam um modelo de estabilidade surpreendente “com conhecimento sofisticado das florestas e seus recursos, mais ainda que grupos ribeirinhos como os baré” (Neves 2015: 53).

Anteriormente, para a área do alto rio Negro, Neves (1998) pesquisou a região do médio Waupés e, a partir daí, sugeriu algumas hipóteses sobre a história antes do contato na região. Entre elas é que a ocupação desta área por povos Nadahup, Aruák e Tukano é muito antiga, tendo não menos que dois mil anos (Neves 2005, 2012b). Segundo o autor, no baixo Waupés foram encontrados sítios antigos de Aruák que datam de, pelo menos, 2.550 anos AP (Neves 2005: 93). Por outra parte, algumas narrativas Tariana (Aruák) forneceram algumas pistas que levaram o arqueólogo a localizar e a escavar um sítio onde teria existido uma fortaleza defensiva e estratégica em combates dos Tariana contra os Wanana (Tukano) entre o fim do século XIV e início do XV, confirmando detalhes de narrativas contadas ainda hoje e registradas já por Brandão de Amorin em fins do século XIX (ver Brandão de Amorin 1928). Isso comprova ainda outras menções dos Tariana que teriam sido o último grupo Aruák a migrar do Aiari (no Isana) para o Waupés, onde já estavam grupos Tukano. Neves argumenta, ainda, em favor da hipótese, que existiu em tempos pré-contato um sistema regional que integrava povos Aruák ao norte, oeste e leste do Waupés e povos Tukano do Waupés e Apaporis (Neves 2005, 2012b).

Num esforço de esboçar a história dos povos do alto rio Negro desde o ano 1.000 DC até o presente, Neves (2005:91) diz que o “sistema regional do Alto Rio Negro é estruturalmente similar ao que era antes do século XVI” ou que a conquista europeia nesta região não teria feito uma compressão de sua população para áreas de refúgio, mas que, ao contrário, fez com que houvesse a “expansão de alguns grupos anteriormente localizados, falantes do Tukano, para áreas mais extensas”. O rio Papuri (no Waupés) teria sido o território tradicional da maior parte dos grupos Tukano e que estes, no século XV, já ocupavam até o médio Waupés há centenas de anos. Nesse sentido, Neves (2005) sustenta que, até aquele século, a maioria de seus grupos não eram distintos linguisticamente e que não teriam migrado de lugar abaixo no rio Negro, mas se fosse o caso, isso

teria ocorrido muito antes que começasse a diferenciação das línguas Tukano na região.

Neves (2005:92s, 2012b) ainda defende que, até aquele tempo, a mesma sociedade tinha a prática da caça e da agricultura com base na mandioca brava, mas devido aos limites do uso de machado de pedra, confiava no cultivo de pupunha, açaí, bacaba e japurá, silviculturas mais perenes. Este modo de agricultura e a existência de territórios de grupos bem definidos eram fatores que diminuía a mobilidade, sendo as localidades ocupadas durante gerações. Ainda para Neves, o baixo Waupés e o baixo Tiquié (afluente do primeiro) eram ocupados por grupos Tukano e Aruák – compondo o tipo de “fronteira étnica” sugerido por Wright (1992, 2005). Entre os Tukano, nesta fronteira, estavam ao menos os Arapaso e os Mirititapuya. Dos Aruák, com base em evidências históricas e linguísticas disponíveis, Neves (2005) sugere que no baixo Waupés estavam grupos ligados aos Baré ou aos Werekena. De outro lado, como já visto, um grupo de ancestrais dos Tariana teria chegado ao Waupés a partir do Aiari, permanecendo estável no ponto de encontro com o Papuri durante as primeiras décadas de penetração europeia. No entanto, a intensa prática de captura de escravos, levada a cabo a partir dessa penetração, fez com que o baixo Tiquié e o baixo Waupés sofressem drástica baixa populacional, permitindo grupos Tukano do Papuri se deslocarem para estas localidades. Os Wanano e os Kubewa seriam os únicos grupos que permaneceram até hoje nos seus tradicionais territórios. Neves intui nisso o motivo pelo qual os Wanana seriam um dos poucos grupos Tukano que, segundo Chernela (1993), ainda guardariam o padrão ideal de assentamento em que os sibs de alta hierarquia são localizados rio abaixo.

Uma última hipótese acerca dos Tukano, após revisão das anteriores e empregando as informações arqueológicas, estudos linguísticos e antropológicos, foi apresentada por Cayón & Chacon (2014). Estes, considerando as interações socioculturais dos Tukano e Aruák na região e análises de línguas Tukano orientais e Tukano ocidentais, estas dos rios Caquetá, Putumayo e Napo (região fronteira entre Colômbia-Ecuador-Perú), indicam, a partir dos estudos elaborados por Chacon (2013, 2014), que os dois ramos da família Tukano começaram a diferenciar-se há 2.000 e 2.500 anos AP, e esta causa está associada à separação geográfica que tomaram, produzida pela chegada de um contingente de família linguística diferente. Propões, então:

“que os Proto-Tukano teriam como lugar de dispersão o interflúvio dos rios Apaporis e Caquetá (Chacon 2013: 236), uma vez que a única região onde existiam remanescentes, ainda nos começos do século XX, de línguas dos dois ramos era o médio Caquetá” (Cayón & Chacon 2014: 210).”

A hipótese os fez pensar num grupo até então não muito considerado nos processos de povoamento da região. Trata-se do povo Carijona (Karib) que, até fins do século XIX, ocupou um território que compreendia as partes altas dos rios Waupés e Apaporis, assim como alguns afluentes importantes do médio Caquetá. Este grupo pode ter advindo dos vales interandinos da Colômbia ou desde as Guianas, chegando à região do médio Caquetá, separando os Tukano, pois até o século XIX os Karijona se relacionavam com seus vizinhos Kubewa, ao leste, e com os Tukano Ocidentais, no oeste (Cayón & Chacon 2014: 210-211). Segundo os autores, outra possibilidade de separação dos Tukano pode derivar da chegada de povos de línguas também diferentes, como os Witoto e os Miraña que se localizavam entre os rios Caquetá e Putumayo; ainda que a presença Karíb possa ser mais antiga, haja vista a inimizade entre àqueles povos e os Karijona, enquanto estes últimos faziam intercâmbios com os Tukano. Os autores completam que os Proto-Tukano teriam inicialmente a forma de vida similar aos caçadores-coletores, com agricultura incipiente ou ocasionais e que, ao iniciar os intercâmbios matrimoniais com os Aruák, adquiriram o complexo ritual do *yurupary*, a vida ribeirinha e o cultivo intensivo da mandioca brava.

Em seguida, Cayón & Chacon (2014: 213), ao cruzarem dados linguísticos Proto-Tukano com as narrativas de alguns de seus representantes atuais sobre a obtenção da agricultura, sugerem que pode ser que isso tenha ocorrido a partir de grupos originariamente falantes de Aruák, que começaram a se estabelecer na área há uns 2.500 anos AP (segundo contingente destes descritos por Zucchi 2002) e, assumindo a ideia de Neves (2011), que o presente etnográfico amazônico iniciou a construir-se há dois mil anos, seria provável que o sistema regional tenha começado a formar-se durante o primeiro milênio DC.

Portanto, a presença dos grupos indígenas na região é milenar e as formas culturais e de organização social que estes grupos apresentam resultaram das antigas interações entre eles, que vêm se constituindo há dois milênios. O rio Negro, propriamente dito, demonstra ser ocupado há mais de dois mil anos por grupos da família Aruák e, como verificamos, para muitos autores, aqui teria sido o centro de origem dessas populações, devido a grande quantidade e diversidade de representantes dessa família na região (Neves 2015).

### **3. Sistemas interétnicos de integração e a etnogênese regional**

Ao que vimos acima, para o início da construção da configuração do sistema sociocultural do Alto Rio Negro, vem somar-se uma forma de entendimento de estudos que indicam manifestação de redes de integração de comércio, que envolviam grandes extensões da Amazônia a partir do primeiro milênio DC, em que povos de língua Aruák teriam um papel fundamental (Hill & Santos-Granero 2002; Santos-Granero 2002; Zucchi 2002; Heckenberger, 2002, 2005a; Hornborg 2005; Hornborg & Hill 2011; Hornborg & Eriksen 2011;

Eriksen 2011). Entre muitas características que envolvem modelos específicos de cerâmica e formas de organização social (hierarquias, aldeias com grande população, intensificação da agricultura, valorização das relações de parentesco) descritos pela arqueologia e antropologia, verificados por regiões do Noroeste Amazônico, médio Orinoco, alto Xingu e Caribe, os Aruák revelam, entre suas relações sociais, um grande valor voltado aos intercâmbios sociopolíticos em que davam privilégio ou estima para acordos e relações pacíficas no lugar das guerras e conflitos (Arvelo-Jimenez 1982; Arvelo-Jimenez et al. 1989; Hill & Santos-Granero 2002; Santos-Granero 2002; Fausto 2005; Heckenberg 2005a, 2005b; Hornborg & Hill 2011; Guerreiro 2016).

O crescimento demográfico e assentamentos de longa duração, nesse período, teriam produzido marcas importantes de ocupação humana verificada pelos solos antropogênicos nas regiões da Amazônia, chamados de “terras pretas”, derivados da ação humana devido ao uso prolongado ou à reutilização de um local por até centenas de anos, acúmulo de lixo orgânico geralmente ao lado ou atrás das habitações etc. (Neves 2015: 47).

Como acenamos acima, no rio Negro, e para além deste, em uma região ainda mais ampla da Amazônia, encontram-se cerâmicas antigas com decorações semelhantes entre si, incluindo as incisadas, as modeladas e o abundante uso de pinturas na cor amarela, laranja, cor-de-vinho e vermelha. Estas cerâmicas são denominadas de “Pocó-Açutuba”, com sítios datados a partir do ano 1.000 AC e que teriam sido produzidas por falantes de línguas geneticamente próximas entre si, provavelmente, da família Aruák (Neves 2015: 54). De acordo com Neves (2015: 56), “os dados de ocupações Pocó-Açutuba no rio Negro mostram que a região já era parte dessa teia milenar de relações entre grupos Aruak, que conecta há milênios o Caribe, o norte da América do Sul e o coração da Amazônia”.

Entretanto, há uma fase que demonstra mudanças em boa parte da Amazônia por volta da passagem do primeiro ao segundo milênio DC. No rio Negro, são correlatos sítios arqueológicos ou recuperação de sítios mais antigos que apresentam outro tipo de cerâmica, mais vistosa e ricamente decorada com pinturas em vermelho, laranja, preto e branco, denominadas de “tradição policroma da Amazônia” (Neves 2015). Segundo Neves (2015: 56), as datas obtidas para esse modelo indicam que ele surge entre os séculos IX e XII e que a cronologia dos assentamentos onde aparecem indica um movimento do leste para o oeste – isto é, no rio Negro, de sua foz em direção ao alto. Ainda que precise de muitas pesquisas, datas mais antigas dessas cerâmicas foram obtidas próximas de Barcelos (médio rio Negro), embora se considere o alto rio Madeira como o centro de povos que tenham produzido ou iniciado esse modelo e que se tem associado a distribuição da tradição policroma à expansão de grupos falantes do tronco Tupí pela Amazônia ocidental por volta desse tempo (Neves 2011, 2015: 56), ainda que não tenham penetrado no rio Negro.

Essas mudanças, como a substituição de modelos de cerâmica e a chegada de povos Tupí numa vasta região da Amazônia nesse período, sugerem um grande papel desempenhado pelos Aruák no Noroeste Amazônico, que atuavam nas redes de intercâmbios multiétnicos conectando várias sub-regiões ou calhas de rios, pois enquanto o avanço dos Tupí é acenado pela intensificação das guerras, os Aruák tinham políticas de interação pacífica com diversos povos de outras línguas na região.

Nesse sistema de intercâmbio, de acordo com as análises de Cayón & Chacon (2014: 214-215), se permite sugerir a intensificação da agricultura incentivada para elaboração das bebidas fermentadas de mandioca e outros que tinham seu consumo cerimonial orientado para a manutenção de relações sociais entre os grupos, ideias apoiadas pelos registros das cerâmicas para guardar bebidas, como o caxiri. De acordo com os mesmos autores, embora a chegada dos grupos Tupí na Amazônia tenha tido muitos efeitos, parece que a rede comercial não fora muito afetada, como se pode ver pelas primeiras descrições dos europeus que chegaram à Amazônia no século XVI e que, inclusive, estas redes serviram para prosperar a captura de escravos, alastrar os inumeráveis efeitos nocivos que causou o contato, com seus sucessivos e desastrosos ciclos extrativos.

Levando em conta um diálogo entre estudos antropológicos, linguísticos, arqueológicos, ecológicos e pesquisa de arquivos históricos, a partir dos anos 1980, iniciaram-se as pesquisas dentro de um entendimento que concebe um “sistema regional de integração” na região, noção que busca mostrar a importância de uma perspectiva que pudesse dar direção a um entendimento do sistema social contemporâneo do Alto Rio Negro (Jackson 1983; Wright 2005). Além do rio Negro, sistemas regionais são descritos em outras áreas, como o alto Xingu, o Orinoco, na Venezuela, o Ucayali, no Perú, e as terras altas, nas Guianas.

No Alto Rio Negro, os intercasamentos, a especialização na confecção de objetos para o processamento da mandioca e de uso cerimonial, a arquitetura, o intercâmbio de conhecimentos tecnológicos, ecológicos, agrícolas, terapêuticos, xamânicos, as mobilidades, as alianças, são padrões que estão entre os que têm sido descritos em seu sistema regional. Do médio ao alto rio Negro, ainda hoje é possível verificar estes tipos de interações, seja nos casamentos, nas mobilidades, nas viagens à procura de tratamento de doenças por meio de xamanismo, nas trocas de objetos, sobretudo, dos relacionados ao sistema de processamento da mandioca.

Pesquisas de cunho histórico (Sweet 1974; Farage 1991; Vidal & Zucchi 2000; Wright 2005) verificaram que o comércio e a interação entre os povos do rio Negro, até os tempos de pré-contato, eram intensos. Aqui participavam intensamente os povos Aruák, especialmente os Manao, Guaypunaves e Baré. Como grandes comerciantes, estes povos percorriam uma corrente que ligava

chefias subandinas com povos dos rios Amazonas, Solimões, Negro, Branco, Orinoco e as Guianas. Essas pesquisas e algumas narrativas indígenas indicam que os Manao casavam e realizavam comércio com os Tariana do Waupés e estes, por sua vez, estendiam conexões ao Noroeste que chegavam com outros povos até os Andes.

Morey (1975) e Wright (2005) indicam que esses intercâmbios e expedições se davam por regras formais caracterizadas pelo acerto de negociações e prazos para os mesmos, com cerimônias de recepção, prática da exogamia interétnica, acordos de paz, proteção e cooperação. Entre os Guaypunaves, Baré e Manao existiam celebrações de rituais de encontro dos visitantes e formação de alianças que envolviam consumo de bebidas e comidas, simulação de confrontos e pactos de não agressão.

Alguns autores, para descrever os múltiplos processos sociais e históricos que ocorreram entre os povos na região, utilizaram a noção de “etnogênese”. O termo, além de descrever a emergência dos povos e suas diferenças, é um conceito que abrange os processos culturais e, ao mesmo tempo, políticos dos povos para criar identidades em contextos gerais de mudança radical e descontinuidade (Vidal 1993; Hill 1996, Wright 2005).

Por outro lado, Vidal & Zucchi (1999) e Vidal (2002) verificaram a questão na ideia de “macromodelos” em termos de duração de séculos e as mudanças socioculturais pelas quais as sociedades do Noroeste Amazônico e Orinoco podem ter passado. Elas discutiram a formação de “confederações multiétnicas” no primeiro século de contato no rio Negro. Isso inspirou Wright (2005) a analisar uma série de acontecimentos no rio Negro dentro dessa ideia, inclusive considerar o movimento indígena da região pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) dos últimos anos nessa linha.

Sobre a história dos povos do Alto Rio Negro, Wright (1980) parece inaugurar uma forma de análise em que toma as histórias orais dos baniwa integradas com análises de fontes escritas. Wright (1980, 2005) reúne textos reelaborados em que procura documentar diversos momentos críticos de transição entre os séculos XVIII e XX. Há um esforço de reconstrução histórica, tomando dados da etnografia, arqueologia e documentos do século XVIII, inéditos até então, para verificar as primeiras ações dos portugueses na região, principalmente a escravização, e como os povos indígenas foram afetados e em que tipo de circunstâncias puderam desenvolver estratégias mediadas por padrões culturais que estavam sendo ressignificados.

Os estudos sobre a história, o ritual e as narrativas indígenas de Wright & Hill (1986) e Hill & Wright (1988) apontaram que os Wakuenai e Baniwa tiveram uma longa história de relações interétnicas, quando portugueses e espanhóis avançavam na região, e que essa história está imbricada numa série de discursos e falas rituais. De nossa parte, tanto analisando as publicações



de narradores indígenas da região, como ouvindo as histórias orais de velhos conhecedores, percebemos como suas narrativas, além de contar sobre o surgimento, a distribuição dos grupos e os feitos dos antepassados, acabam também colocando histórias do contato, as viagens a partir de relações com os estrangeiros, as práticas de violências que os mesmos executavam na região e a colonização missionária.

Por fim, como forma de verificar essa rede de comércio nos períodos que os europeus começavam a avançar na região, tomemos a descrição feita pelo padre jesuíta Samuel Fritz (2006) do que presenciou, em 1689, no médio Solimões, quando se encontrava entre os Jurimáguas. É um dos poucos registros que se possui sobre os Manao que se situavam no rio Negro (e seus afluentes como o Darahá e o Yurubaxi), pois há muitas menções posteriores desse povo relativas ao comércio que executavam em grande extensão, ao uso de rotas do Yurubaxi ao Japurá e sobre seus embates contra a penetração portuguesa no rio Negro no século XVIII (ver Sampaio 1985; Noronha 2006; Ferreira 1983; e, ainda, Sweet 1974). Nesse relato podemos perceber, ao mesmo tempo, além dos itens comercializados, as características dos Manao e a rota utilizada por eles entre o alto rio Negro, o Yurubaxi, o Japurá e o Solimões. Segundo o jesuíta:

[...] veio comerciar com os Jurimáguas, em umas dez canoas, uma tropa de Manaves<sup>14</sup>, índios gentios. [...] São esses índios Manaves muito valentes e temidos dos gentios vizinhos, e fizeram frente há anos a uma tropa portuguesa.

Sua arma é arco e flecha envenenada; não criam cabelo, dizem, para que não tenham por onde possam ser agarrados nas peles; andam nus; a fronte até as orelhas tingem com uma resina preta, semelhante ao bálsamo<sup>15</sup>. Suas terras estão para as bandas do Norte sobre um riacho chamado *Jurubets*<sup>16</sup>, onde se chega pelo rio Japurá<sup>17</sup>. Saem de ordinário no tempo da enchente, porque então os dois rios se comunicam, de modo que podem, em canoas, penetrar do Jurubets no Japurá. O comércio que têm esses Manaves com os Aisuaires, Ibanomas e Jurimáguas<sup>18</sup> consta de umas lâminas de ouro, vermelhão, raladores de *Yuca*, redes *cachibanco*, com outros gêneros de cestinhos e *macanas* que lavram curiosamente.

14 Trata-se dos manao, escrito também “manáos”, “manaós”, “managús” (este último por padre Acuña em *Nuevo Descubrimiento del gran Rio de las Amazonas*).

15 Tinta de genipapo.

16 Rio Jurubaxi/Yurubaxi (Maiuixi/Maiuishi).

17 Rio Japurá.

18 Aisuaires, Ibanomas e Jurimáguas – são grupos catequisados pelos jesuítas entre os anos de 1683 e 1727, hoje inexistentes ou de difícil identificação que estavam situados entre os rios Solimões, Tefé, Coari e Purus.

O ouro não o tiram eles, mas vão resgatá-lo, navegando o rio Iquiari; e este é o rio, entre tais gentios, muito afamado de ouro (Fritz 2006: 78-82).

Podemos ver aqui alguns itens comercializados como lâminas de ouro, vermelhão (possivelmente tinta de carayurú), raladores de *yuca* (mandioca), redes de *cachibanco* (tucum), cestinhos e *macanas* (cacetes ou tacapes). O rio mencionado, “Iquiari”, certamente é Caiari-Waupés em que estavam os Tariana que podiam conseguir ouro de outros povos próximos dos Andes. Os raladores de mandioca podiam ser conseguidos também com os Tariana após serem repassados para esses dos Baniwa do Aiari-Isana ou diretamente dos Baniwa no próprio Waupés ou mesmo no Isana.

Desse modo, tanto a discussão sobre a ocupação milenar, como sobre as redes de comércio demonstram complexas dinâmicas de interação entre os povos da região que existiram no passado. Por outro lado, esclarece, também, que há uma visão equivocada sobre as regiões da Amazônia, pois, costuma-se imaginar essa região como vazia, com grandes rios inabitados, que parece impossível pensar em complexas interações sociais, muito menos que aí existiram sistemas de intercâmbios que integravam diversos povos, com línguas e costumes diferentes, com acordos mútuos de políticas pacíficas. Até mesmo hoje, as interações multiétnicas e relações de trocas acontecem na região do rio Negro, no entanto, parecem estar invisíveis aos olhos estrangeiros, embora as marcas do passado nas paisagens e as relações e práticas culturais ainda vividas revelam dinâmicas que não se apagam.

#### **4. A ocupação regional Tukano: um desafio de análise**

Vimos como as pesquisas situam os povos do rio Negro dentro de uma perspectiva que nos ajuda entender muitas questões históricas. Elas passaram inclusive, nos últimos tempos, a dar uma maior relevância às narrativas orais tradicionais dos povos da região, pois estas as ajudam tanto no entendimento de suas organizações sociais como em chegar a muitos entendimentos sobre o passado, inclusive oferecendo pistas para avanço de novos trabalhos. Vê-se que as duas formas de entendimento podem ser relacionadas, pois elas não se excluem. Pelo contrário, se complementam favorecendo entendimentos combinados e ainda mais ricos.

Segundo discussões desenvolvidas por Severi (2010 [2004], 2014), a fala e a imagem articuladas por uma apropriada técnica de memória, numa linguagem de pensamento simbólico ou xamânico, prevaleceu como uma rica alternativa entre muitas sociedades sobre o sistema da escrita. E que tal forma de saber opera por estabilizar uma relação de sistemas ordenados de elementos

iconográficos diversos<sup>19</sup>. Em nossa percepção, isso parece ter permitido os complexos e diversificados modos de construção de conhecimento encontrados entre muitos povos indígenas na Amazônia.

As narrativas indicam como os povos da região pensam sua origem, consideram seus territórios e mobilidades, instituições, organizações e relações sociais, organizam seus conhecimentos, vivem a ética e manifestam a estética, entre outros, ao ponto que podemos dizer que as narrativas embasam uma teoria sobre o mundo. Contudo, estas histórias, assim como outros conhecimentos, práticas e ritos, não eram registradas em livros, mas gravadas e exercitadas na memória e no repasse de uma geração para outra, pois as sociedades do rio Negro, como da Amazônia em geral, desenvolveram outras formas de garantir suas tradições e conhecimentos, conforme seu modo de vida, associadas a uma sofisticada arte da narrativa mnemônica (Sarmento s/d).

O nível de colonização implantada há séculos na Amazônia, todavia, fez com que muitos grupos perdessem partes de suas histórias tradicionais. No Alto Rio Negro, isso provocou alguns indivíduos, nos últimos anos, a procurar registrar suas narrativas na forma de escrita, pois o contexto contemporâneo ameaça fazer com que estas histórias e outras tradições desapareçam. Dessa forma, surgiram escritos por parte dos próprios indígenas que estão voltados para a guarda e repasse desses conhecimentos às novas e futuras gerações. Trata-se de uma preocupação de deixar as narrativas e outros conhecimentos para os filhos e os netos<sup>20</sup>. Por outro lado, narrativas de alguns grupos, tanto das origens como de outras histórias, foram registradas e estão também integradas por trabalhos etnográficos, publicação de missionários e relatos de viajantes na região.

Não é nosso propósito apresentar aqui qualquer versão de origem Tukano<sup>21</sup>, mas tão somente pontuar uma questão que seja: aquela que remete ao desafio de análise interdisciplinar ligada ao processo de como os povos Tukano entendem seu trajeto de ocupação territorial na região, um percurso inverso do que apontam as disciplinas acadêmicas, sem necessariamente que isto implique em apontar equívocos por estas. Isto é, como entender a ocupação Tukano a partir de um processo exógeno vindo do oeste, como apontam as análises disciplinares vistas acima, e a ocupação a partir de um deslocamento vindo do leste, subindo o rio

19 Ver a ideia de Severi ser aplicada para análise de iconografias dos povos Tukano no Alto Rio Negro por Hugh-Jones (2012).

20 Ver a série *Narradores Indígenas do Rio Negro* (FOIRN), entre os quais: Pārökumu & Kehíri ([1980] 1995), Diakuru & Kisibi (1996, 2006), Cornélio et al (1999), Barbosa & Garcia (2000), Ñahuri & K̄marõ (2003), Galvão & Galvão (2004), Ak̄to & Kí'mâro (2004), Carvalho et al (2004); ver ainda publicações de Moreira & Moreira (1994), Gentil (2000, 2005), Garnelo et al (2005), Tukano (2017), AETU (2005), França (2015), entre outros.

21 Exemplos disso estão nas publicações de narrativas tukano apontadas acima.

Negro, de acordo com as narrativas tradicionais pelos grupos Tukano? Faremos somente uma síntese da viagem da origem, segundo o coletivo Tukano, de modo que se aproxima do que se conta também entre outros grupos da mesma família linguística.

Assim, de acordo com o pensamento dos *Ye'pa-Mahsã*, os Tukano<sup>22</sup>, os coletivos étnicos do Noroeste Amazônico, formaram-se a partir das ações do Avô do Mundo (*Ḥmtkoho Ñekkt*), da Avó do Mundo (*Ḥmtkoho Ñehko*) e dos deuses do princípio (ō'amarã, como *Ye'pa Ō'akt* e outros). Eles criaram a primeira humanidade (*Pa'muri Mahsã*). E estes iniciaram uma viagem de transformação/evolução da humanidade há milhares de anos que iniciou num ponto chamado Lago de Leite (*Ōhpeko Dihtara*) e percorreu o rio Negro primordial, o Rio de Leite (*Ōhpeko Diá*), por meio da Canoa de Transformação (*Pa'muri Pirō-Yuhktst*), uma grande canoa com formato de cobra. No decorrer da viagem, foram parando em diversos lugares, chamados Casas de Transformação (*Pa'muri Wi'i*) e, nessas Casas, essa gente ia fazendo cerimônias e festas, adquirindo conhecimentos e elementos culturais.

Assim, do rio Negro entraram no Caiari-Wapés (*Diá Pohsa*). Tiveram seu ponto máximo quando saíram definitivamente para a terra a partir do buraco da cachoeira de Ipanoré (*Tōhopa-duri*), no seu médio curso. Cada chefe ancestral foi saindo para a terra por uma ordem subsequente (hierarquia que é considerada hoje), representando os povos existentes no Alto Rio Negro.

Depois da emersão dos coletivos, ao longo do tempo, cada grupo foi buscando seu território. Nesse processo, cada um adquiriu peculiaridades culturais e linguísticas. Os Tukano se dirigiram ao Papuri (*Ahko Ñiisaha*), afluente direito do médio Waupés, hoje marca divisória dos estados brasileiro e colombiano, fixando-se, primeiramente, no igarapé Turi (*Pohsaya*). O Papuri foi, na verdade, o território tradicional da maior parte dos grupos Tukano, assim como também atestam as pesquisas.

Com o tempo, alguns grupos se deslocaram do Papuri para o Tiquié, o Waupés e, em menor proporção, para afluentes da margem direita do rio Negro, como o Curicuriari, o Teiá, o Wenewexi e, ainda, para o Tukano (região de Balaio) e Traíra (no Japurá), sobretudo, depois que as práticas europeias despovoaram essas áreas. Atualmente esse povo, com dezenas de patri-sibs, está localizado, sobretudo, nessas sub-regiões desde o Papuri, com presença de moradores também nas cidades de Mitú (na Colômbia), São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel do Rio Negro, Barcelos e Manaus.

De um modo geral, há muitos paralelos entre as tradições orais dos diferentes grupos, o que marca uma característica dos povos da região. Considerando os

---

<sup>22</sup> *Dahsea* (de *dahse*, ave tukano) é como são chamados os *Ye'pa-Mahsã*. Como acontece na relação de tantas sociedades, esta é uma alcunha dada por outros grupos da região ao longo de suas relações, apelido que depois foi traduzido à língua não indígena e se popularizou.

grupos tanto Nadahup, Aruák e Tukano, percebemos como os eventos de suas histórias tradicionais se desenvolvem dentro do círculo que recobre áreas do rio Negro, Isana e Waupés<sup>23</sup>. Em nossa perspectiva, estes territórios podem ser pensados de forma integrada na análise desses povos.

Por exemplo, os Baniwa têm como referência o Isana, com o local de Hípana no Aiari como o ponto de surgimento dos antepassados dos grupos e, ainda, sugestão de andanças de seus heróis por uma ampla área que envolve o Noroeste Amazônico (ver Hill & Wright 1988; Vidal & Zucchi 2000; Wright 1992, 2005; Cornélio et al. 1999). Do mesmo modo se pode dizer dos Tariana com referência ao surgimento no Aiari (ver Barbosa & Garcia 2000: 23). Os Baré remetem muitas histórias de seus heróis e ancestrais que envolvem desde o Aiari, no Isana, até o médio rio Negro, ou da foz do rio Negro até o Isana (ver Brandão de Amorin 1928:169-180; José Roberto 1928; França 2015). Os Tukano, Desana e outros da mesma família, por sua vez, marcam em suas histórias uma viagem que sobe o rio Negro e o Waupés para ocupar a bacia destes. Ou seja, as tradições dos Aruák regionais indicam uma origem interna à região. Ao contrário, as tradições dos Tukano contam uma ocupação que se deu a partir de pontos externos, como notou Wright (1992).

No que se refere aos Tukano, levando em conta o que foi visto sobre as hipóteses de sua ocupação na área, temos elaborações acadêmicas que indicam que eles chegam ao Waupés a partir de um ponto do oeste, fazendo, se imagina, o percurso por terra ou cabeceiras de rios. Por outro lado, temos uma elaboração de narrativas tradicionais que indicam os Tukano vindos do Leste para ocupar a região, em que fazem o percurso por navegação. Há raras menções que tenham partido antes do Oeste, baixado por algum rio (Japurá, Solimões?) para depois adentrar no rio Negro<sup>24</sup>. Entre este trecho, geralmente, citam que passam por um local chamado Casa da Noite, por exemplo, tempo em que se chamam Ñamiri Mahsã (Gente da Noite), talvez por significar um tempo obscuro, pois até mesmo as menções a esse tempo não são claras, com locais, passagens e relações com grupos humanos não identificáveis. Os pontos com evidências estão quando viajam nos próprios rios Negro e Waupés, como pode se ver nas referências geográficas. Há que se considerar, entretanto, elaborações ou extensões que foram acrescentadas a partir do tempo de contato com europeus, como o litoral brasileiro, desde a Bahia da Guanabara e, talvez, o rio Amazonas, isso para questões de pesquisa.

A questão é: por mais que se possa considerar esta viagem pelo leste,

23 Para o caso dos grupos Nadahup, como estão mais distantes entre si, não há um único ponto de referência de surgimento, mas quando se aponta alguma localização neste sentido esta está na própria região e recorda uma trajetória ou andanças (ver algo em Münzel, 1969; Athias, 2010; Lolli, 2012).

24 Não temos como apresentá-las agora, pois estão num processo de pesquisa. Uma discussão nesse sentido, pretendemos elaborar em trabalho futuro.

subindo o rio Negro, como uma viagem simbólica, surpreende o significativo conhecimento e importância desse rio nas narrativas, nas encantações xamânicas e no conhecimento geográfico altíssimo que possuem os Tukano wapesinos, enquanto que, para o lado oeste não há o mesmo nível de conhecimento e importância dos lugares. Portanto, devemos nos perguntar em que momento há esta inversão do percurso até o Waupés, isto é, do percurso feito pelo Oeste para o percurso feito do Leste subindo o rio Negro. Metaforicamente, temos um desafio de discussão que busque perceber por que e em que momento uma árvore que caiu do oeste se inverteu para estar caída do leste nas histórias Tukano.

Entretanto, para isso devemos ter em conta algumas questões que podem levar a outras. Para uma reconstrução histórica da região, deve-se considerar que os povos do rio Negro tiveram consequências desastrosas com a chegada dos europeus, de forma que muitas relações que envolveram no passado os povos regionais não poderão vir a ser conhecidas porque percebe-se que os povos indígenas tinham relações, tratos e mobilidades muito sofisticadas e dinâmicas, antes da chegada dos estrangeiros. Em outras palavras, a região será marcada por perdas e destruição de muitos coletivos e, assim, de seus valores culturais, pois muitos povos desapareceram quando os europeus lá penetraram a partir dos inícios do século XVIII (ver Wright 1991, 2005: 27-82; Meira 1994, 2006, 2018: 259-318; Ramirez 2001: 13-19; Sarmiento 2018: 71-106). Portanto, muitos povos do curso do rio Negro e de seus afluentes foram aniquilados. Por exemplo, a mobilidade dos Tukano e de outros grupos do Papuri para o Tiquié, para o baixo Waupés e demais rios, a partir de fins do século XVIII e início do XIX (Sarmiento 2018: 126), aconteceu porque estes se encontravam agora desabitados devido ações portuguesas e espanholas de captura de escravos, descimentos, guerras e doenças estrangeiras nestas áreas, com a ajuda, inclusive, de grupos indígenas que passaram a trabalhar para estas práticas após serem derrotados ou persuadidos.

Assim, como saber das relações, dos contatos e influências de grupos mais abaixo do Waupés e do rio Negro com os Tukano? Poderíamos, ainda, perguntar o que os Aruák desaparecidos teriam repassado, tanto aos Tukano como aos próprios grupos Aruák contemporâneos, já que inúmeros elementos culturais entre os representantes desses grupos de hoje são semelhantes. Como saber, inclusive, se os Tukano não estiveram ou passaram realmente pelo rio Negro antes da chegada dos europeus?

Como vimos, Neves (2005) sustenta que até o século XV a maioria dos grupos Tukano no Waupés não eram distintos linguisticamente e que não teriam vindo de lugar mais abaixo, mas se for o caso, isso teria ocorrido muito antes que se iniciasse a diferenciação linguística. Desse modo, poderíamos pensar alguma relação de grupos Tukano com os topônimos de rios mais abaixo, habitados tradicionalmente por grupos Aruák? Por exemplo, ainda que saibamos que topônimos de rios na região, como Ucaiari/Caiari, Aiari etc., com presença da

partícula “-ia-” antes mesmo de “-ri” (indicador de rio) sejam propriamente Aruák e que outros nomes de rios também terminados em “-iá” possam ser considerados Aruák, como Maraiuí, Maiá, Iá etc. (ver Ramirez 2001: 36), esta partícula (-iá, -yá ou -ya) também está presente em tukano para indicar rio ou igarapé, por coincidência ou não<sup>25</sup> (como *Pohsaya*, *Komeya*, *Yaiya*, *Teya* etc).

Além disso, de que forma e até que áreas os grupos do Waupés atingiam em suas viagens para negociar e socializar? Teriam alguns de seus grupos migrado também para fora? E de que forma os grupos Tukano foram afetados e reagiram ao contato dos europeus? Alguns dos seus teriam se aliado a outros da região para fazer excursões mais abaixo para confrontar ou interagir com as forças de penetração estrangeira?

Segundo uma tradição que se conta na minha família, os *Di'ipeé Porã* (sib tukano) ganharam estima no Tiquié pelo papel de guerreiros e, no tempo em que ouviam de avanços de brancos no baixo, preparavam-se com frotas de grandes canoas e homens treinados. Então, desciam e para o rio Negro, meses, conseguindo atingir até o baixo, provavelmente saqueando, pois retornavam com artefatos estrangeiros como machados, facões e mosquetes. Diferentemente, não sabemos se entravam em combate propriamente dito, pois sempre retornavam. Na volta, para demonstrar sucesso, sinalizavam nos trechos do rio com tiros de canhões artesanais e toque de trombetas tradicionais e, ao chegar em Santo Antônio (*Baya-pee*), realizavam grande festa de caxiri. No entanto, embora tenhamos essa referência, não localizamos cronologicamente quando isso ocorria, se em fins do século XVIII ou início do XIX, pois a ordem exata de gerações lembradas não atinge este período. Contudo, podemos pensar que os Tukano não ficaram isentos. Além disso, muitos grupos Tukano, como tantos outros da região, com a chegada estrangeira, desapareceram.

## 5. Considerações finais

Aqui nos detemos a uma discussão com fins de reconstrução de uma história de ocupação e formação da configuração sociocultural rionegrina. Esta se mostra dentro de uma construção de longa duração que se deu de forma muita dinâmica, em que seus diferentes povos souberam fazer relações tanto em câmbios comerciais como de elementos culturais, ao mesmo tempo permitindo-lhes manter traços distintivos. Em vez de guerras e extermínios de uns e outros, enxergaram a pacificidade, postura muito contrária à postura que empreenderam os colonizadores com sua chegada. Discussões nesse sentido dão, a nosso

---

25 Narradores tukano, ao se referirem ao Maraiuí, dizem que ele ganhou este nome pelo fato que os antigos, na viagem de transformação, adentraram nele para buscar puçanga (*bará* [*mará*] em tukano) e, assim, o chamaram de “rio de pusanga” – Puçanga é substância mágica de origem vegetal, animal, mineral, usada de diversas formas para atrair, proteger, afastar ou prejudicar.

ver, uma grande contribuição para se pensar sobre relações que envolveram, no passado, os povos indígenas, com a finalidade de se entender o presente. Tratamos de levantar discussões desse matiz já realizadas, mas também novas questões para pensar.

Entre tais questões estão imbricadas algumas direções e também desafios de como entender as análises das disciplinas com as tradições indígenas e vice-versa. Como melhor combiná-las? Parece que um esforço de análise nesse sentido apenas iniciou-se. Quiçá investigações no futuro poderão clarear muitas coisas, mas, para isso, será preciso investir em pesquisas de áreas afins como a arqueologia, a linguística e a história indígena, além da própria etnologia na região. Além do mais, pesquisadores nativos deverão ser formados nessas áreas e investir nos conhecimentos autóctones, entre os quais as tradições orais e a versatilidade linguística. Estes poderão pesquisar em conjunto para somarem informações, assim como ainda se aliarem, em investigações e diálogos, aos pesquisadores estrangeiros.

Por outro lado, para indagações que possam surgir sobre pesquisas feitas por indígenas, penso que são válidas também investigações em níveis mais gerais, como a que apresentamos aqui, levantando uma discussão interdisciplinar acerca de uma história interétnica. Ademais, não basta uma simples autoinvestigação, qualquer que seja. É preciso ir além dos conhecimentos que os indígenas temos, por mais que possamos trazê-los para os estudos que buscamos, em que podemos enxergar outras formas de investigação, inclusive diálogos interdisciplinares, tanto para entendimento de assuntos outros como os que se voltam para a temática indígena ou regional.

## Referências bibliográficas

- AETÛ (Associação Escola Indígena Ûtapinozona Tuyuka). 2005. *Wiseri Makañe – Casa de Transformação: Origem da vida ritual Ûtapinozona Tuyuka*. São Gabriel da Cachoeira: AETÛ; São Paulo: ISA.
- Åhrem, Kaj. 2002. “Prefacio”. In: L. Cayón. *En las aguas de yuruparí: cosmología y xamanismo Makuna*. Bogotá: Ediciones Uniandes, pp. 9-13.
- Akito & Ki'mâro. 2004. *Ësâ Yëkisimia Masike'. O conhecimento dos nossos antepassados. Uma narrativa Oyé*. Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 6. São Gabriel da Cachoeira: COIDI/FOIRN.
- Andrello, Geraldo. 2010. Escravos, descidos e civilizados: índios e brancos na história do rio Negro. *Revista Estudos Amazônicos*, vol. V, nº 1, 107-144.
- Arvelo-Jimenez, Nelly. 1982. The political struggle of the Guayana region's indigenous peoples. *Journal of International Affairs*, v. 36, n. 1, spring/summer 1982, pp. 43-60.
- Arvelo-Jimenez, Nelly; F. Morales Méndez & Horacio B. Castillo. 1989. Repensando la historia del Orinoco. *Revista de Antropologia*, v. V, ns. 1-2, pp. 155-174.



- Arvelo-Jiménez, Nelly & Horacio Biord. 1994. "The Impact of Conquest on Contemporary Indigenous Peoples of the Guiana Shield: The System of Orinoco Regional Interdependence". In: A. Roosevelt (org.). *Amazonian Indians from Prehistory to the Present*. Tucson: The University of Arizona Press, pp. 55-78.
- Athias, Renato. 2010. "Ocupação espacial e territorialidade entre os Hupdah do Rio Negro, Amazonas". In: G. C. Becerra (ed.). *Viviendo en nel bosque. Um siglo de investigaciones sobre los makú del Noroeste Amazónico*. Medellín: Universidad Nacional de Colombia/Facultad de Ciencias Humanas y Económicas, pp. 57-84.
- Balée, William. 1989. "Cultura na vegetação da Amazônia brasileira". In: W. Neves (org.). *Biologia e ecologia humana na Amazônia: avaliação e perspectivas*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 95-109.
- Balée, William. 1992. "People of the fallow: a historical ecology of foraging in lowland South America". In: *Conservation of Neotropical Forests: Working from traditional resource use*. New York: Columbia University Press, pp. 33-57.
- Balée, William. 2013. *Cultural Forest of the Amazon: A Historical Ecology of People and Their Landscapes*. Tuscaloosa: The University of Alabama Press.
- Balée, William & Clark Erickson (eds.). 2006. *Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in the Neotropical Lowlands*. New York: Columbia University Press.
- Barbosa, Manuel Marcos & Adriano Manuel Garcia. 2000. *Upíperi Kalisi. História de Antigamente. História do Antigos Taliaseri-Phukurana*. Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 4. São Gabriel da Cachoeira: UNIRVA/FOIRN.
- Brandão de Amorim, Antonio. 1928. Lendas em Nheêngatú e em Português. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 100, vol 154, 9-475. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional.
- Carvalho, Crispiano et al (orgs.). 2004. *Pamiri-Masa: A origem do nosso mundo. Revitalizando as culturas indígenas dos rios Uaupés e Papuri*. São Paulo: Saúde Sem Limites.
- Cayón, Luis. 2013. *Pienso, luego creo. La teoría makuna del mundo*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia.
- Cayón, Luis. 2012. "Lugares sagrados y caminos de curación. Apuntes para el estudio comparativo del conocimiento geográfico de los Tukano oriental". In: G. Andreollo (org.). *Rotas de criação e transformação. Narrativas de origem dos povos indígenas do rio Negro*. São Paulo/São Gabriel da Cachoeira: FOIRN/ISA, pp. 168-194.
- Cayón, Luis & Thiago Chacon. 2013. Considerações sobre a exogamia linguística no noroeste amazônico. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*. V. 6, n. 1/2, ano VI, dez/2013, 6-20.
- Cayón, Luis. 2014. Conocimiento, historia y lugares sagrados. La formación del sistema regional del alto río Negro desde una visión interdisciplinar. *Anuário Antropológico/2013*. Brasília, UnB, v. 39, n. 2: 201-233.
- Cayón, Luis; Francisco Sarmiento & Túlio Sávio Diniz. (2018). "A formação do sistema regional do Alto Rio Negro e a história de *longue durée* dos povos tukano orientais".

- Projeto de pesquisa em construção, 22 pp.
- Chernela, Janet. 1993. *The Wanano Indians of the Brazilian Amazon: a sense of space*. Austin: University of Texas Press.
- Cornélio, José Marcelino et al. 1999. *Waferinaipe Ianheke. A Sabedoria dos nossos Antepassados. História dos Hohodeni e dos Walipere-Dakenai do rio Aiari*. Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 3. São Gabriel da Cachoeira: ACIRA/FOIRN.
- Denevan, William. 1992. "Native american populations in 1492: recente research and a revised hemispheric estimate". In: *The native population of the Americas in 1492*. Madison: The University of Madison Press, pp. xvii-xxx.
- Diakuru & Kisibi. 1996. *A Mitologia Sagrada dos Desana – Wari Dihputiro Põrã*. Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 2. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN.
- Diakuru & Kisibi. 2006. *Bueri Kãdiri Marĩriye. Os ensinamentos que não se esquecem*. Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 8. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN.
- Eriksen, Love. 2011. *Nature and Culture in Prehistoric Amazonia. Using G.I.S. to reconstruct ancient ethnogenic processes from archaeology, linguistics, geography, and ethnohistory*. Tese de Doutorado. Universidad de Lund.
- Farage, Nádia. 1991. *As Muralhas dos Sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a Colonização*. Rio de Janeiro: ANPOCS/Paz e Terra.
- Fausto, Carlos. 2005. Entre o passado e o presente: Mil anos de história indígena no Alto Xingu. *Revista de Estudos e Pesquisas*, FUNAI, Brasília, v. 2, n. 2, p. 9-51, dez. 2005.
- Fausto, Carlos & Michael Heckenberger. 2007. "Introduction. Indigenous History and the History of the "Indians". In: C. Fausto & M. Heckenberger (orgs.). *Time and Memory in Indigenous Amazonia. Anthropological Perspectives*. Gainesville: University Press of Florida, pp. 1-43.
- Ferreira, Alexandre Rodrigues. 1983. *Viagem Filosófica ao Rio Negro*. Belém: MPEG/CNPq.
- França, Bráz. 2015. "Baré-Mira Iupirungá. Origem do Povo Baré". In: M. Herrero & U. Fernandes (orgs.). *Baré: povo do rio*. São Paulo: Edições Sesc, pp. 30-40.
- Fritz, Samuel. 2006 "Diário". In: R. F. Pinto (org.). *O Diário do Padre Samuel Fritz*. Manaus: EDUA/FSDB, pp. 64-122.
- Galvão, Eduardo. 1979 [1959]. "A aculturação indígena no rio Negro". In: *Encontro de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 135-192.
- Galvão, Venceslau & Raimundo Galvão. 2004. *Livro dos Antigos Desana – Guahari Diputiro Porá*. Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 7. Pato/São Gabriel da Cachoeira: ONIMRP/FOIRN.
- Garnelo, Luiza et al. (org.) (2005). *Cultura, escola, tradição: mitoteca na escola Baniwa*. Manaus: Rasi/Ufam.
- Gentil, Gabriel. 2000. *Mito Tukano*. Zürich/Basel: Waldgut.
- Gentil, Gabriel. 2005. *Povo Tukano. Cultura, história e valores*. Manaus: EDUA.

- Guerreiro, Antonio. 2016. Do que é Feita uma Sociedade Regional? Lugares, Donos e Nomes no Alto Xingu. *Ilha*, v. 18, n. 2, p. 23-55, dezembro de 2016.
- Heckenberger, Michael. 2002. "Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality, and the Amazonian Formative". In: J. Hill & F. Santos-Granero (orgs.). *Comparative Arawakan Histories. Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, pp. 99-122.
- Heckenberger, Michael. 2005a. *The Ecology of Power: Culture, Place, and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000-2000*. New York; London: Routledge.
- Heckenberger, Michael. 2005b. "Ecologia e poder: a base simbólica da economia política na Amazônia". In: L. C. Forline, R. S. Murrieta & I. C. Vieira (orgs.). *Amazônia além dos 500 anos*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 39-69.
- Heckenberger, Michael; James Petersen & Eduardo Neves. 1999. Village Size and Permanence in Amazonia: Two Archeological Examples from Brazil. *Latin American Antiquity*, 10(4): 353-376.
- Hill, Jonathan. 1983. *Wakuenai Society: a processual-structural analysis of indigenous cultural life in the Upper Rio Negro region of Venezuela*. Tese de doutorado. The University of Microfilms International, University of Indiana.
- Hill, Jonathan. 1993. *Keepers of the Sacred Chants: the Poetics of Ritual Power in an Amazonian Society*. Tucson: University of Arizona Press.
- Hill, Jonathan. 1996. "Introduction". In: J. Hill (org.). *History, power and identity: ethnogenesis in the Americas, 1492-1992*. Iowa City: University of Iowa Press, pp. 1-19.
- Hill, Jonathan. 2011. "Sacred Landscapes and Environmental Histories in Lowland South America". In: A. Hornborg & J. Hill (orgs.). *Ethnicity in Ancient Amazonia. Reconstructing the Past identities from Archeology, Linguistics, and Ethnohistory*. Boulder: University Press of Colorado, pp. 259-277.
- Hill, Jonathan & Robin Wright. 1988. "Time, Narrative and Ritual: Historical Interpretations from a Amazonian Society". In: J. Hill (org.) *Rethinking History and Myth: Indigenous Perspectives on the Past*. Urbana: University of Illinois Press, pp. 133-135.
- Hill, Jonathan & Fernando Santos-Granero. 2002. "Introduction". In: J. Hill & F. Santos-Granero (orgs.). *Comparative Arawakan Histories. Rethinking language family and culture are in Amazonia*. Urbana: University of Illinois Press, pp. 1-22.
- Hornborg, Alf. 2005. Ethnogenesis, Regional Integration, and Ecology in Prehistoric Amazonia. *Current Anthropology*, 46 (4): 589-620.
- Hornborg, Alf & Jonathan Hill. 2011. "Introduction: Ethnicity in Ancient Amazonia". In: A. Hornborg & J. Hill (orgs.). *Ethnicity in Ancient Amazonia. Reconstructing the Past identities from Archeology, Linguistics, and Ethnohistory*. Boulder: University Press of Colorado, pp. 1-27.
- Hornborg, Alf & Love Eriksen. 2011. "An Attempt to Understand Panoan Ethnogenesis in Relation to Long-Term Patterns and Transformations of Regional Interaction in Western Amazonia". In: A. Hornborg & J. Hill (orgs.). *Ethnicity in Ancient*

- Amazonia. Reconstructing the Past identities from Archeology, Linguistics, and Ethnohistory*. Boulder: University Press of Colorado, pp. 129-151.
- Hugh-Jones, Cristine. 1979. *From the Milk River: Spatial and temporal process in Northwest Amazonia*. London: Cambridge University Press.
- Hugh-Jones, Stephen. 1979. *The palm and the Pleiades: Initiation and cosmology in Northwest Amazonia*. London: Cambridge University Press.
- Hugh-Jones, Stephen. 1981. Historia del Vaupés. *Maguari*, I. Bogotá, 29-51.
- Hugh-Jones, Stephen. 2004. “Epílogo”. In: I. Goldman. *Cubeo Hehénewa Religious Thought. Metaphysics of a Northwestern Amazonian People*. New York: University Press, pp. 405-412.
- Hugh-Jones, Stephen. 2012. “Escrita na pedra, escrita no papel”. In: G. Andrello (org.). *Rotas de criação e transformação; narrativas de origem e povos indígenas do Rio Negro*. São Paulo/São Gabriel da Cachoeira: ISA/FOIRN, pp. 138-167.
- Jackson, Jean. 1983. *The Fish People: Linguistic Exogamy and Tukanoan Identity in Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- José Roberto, Maximiano. 1928. Kukuhy – Lenda Baré. (Das Lendas Indígenas Recolhidas por Max J. Roberto, Transcritas por Antonio Amorim – Ineditas). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, Tomo 104, v. 158, 740-752.
- Koch-Grünberg, Theodor. 2010 [1907]. *Petróglifos sul-americanos*. Belém/São Paulo: Museu Paraense Emílio Goeldi/Instituto Socioambiental.
- Levis, Carolina et al. 2017. Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition. *Science*, 355: 925-931.
- Lolli, Pedro. 2012. “Nos caminhos dos Yuhupdeh: travessias e conhecimento no igarapé Castanha”. In: G. Andrello (org.). *Rotas de criação e transformação; narrativas de origem e povos indígenas do Rio Negro*. São Paulo/São Gabriel da Cachoeira: ISA/FOIRN, pp. 211-222.
- Lolli, Pedro. 2016. A plasticidade Maku. *Ilha*, v. 18, n. 2, p. 177-198, dezembro de 2016.
- Meira, Márcio (org.). 1994. *Livros das Canoas: documentos para a história indígena da Amazônia*. São Paulo. Núcleo de História Indígena e do Indigenismo/ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- Meira, Márcio. 2005. “Índios e brancos nas Águas Pretas: histórias do rio Negro”. In: L. Forline, R. S. Murrieta & I. C. Vieira (orgs.). *Amazônia além dos 500 anos*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 183-226.
- Meira, Márcio. 2018. *A persistência do aviamento: colonialismo e história indígena no Noroeste Amazônico*. São Carlos: EdFSCAR.
- Morales, Filadelfo & Nelly Arvelo-Jiménez. 1981. Hacia um modelo de estrutura social Caribe. *América Indígena*, vol. XLI (4), 603-626.
- Moreira, Ismael & Angelo Moreira. 1994. *Mitologia Tariana*. Manaus: IBPC.

- Morey, Nancy. 1975. *Ethnohistory of the Colombian and Venezuelan Llanos*. Tese de doutorado. University of Utah.
- Morey, Robert & Nancy Morey. 1975. Relaciones comerciales en el pasado em los llanos de Colombia e Venezuela. *Montalban*, n. 4, Caracas, 533-564.
- Münzel, Mark. 1969. Notas preliminares sobre os Kaborí (Makú entre o rio Negro e o Japurá). *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, 137-181.
- Neves, Eduardo. 1998. *Paths in the Dark Waters: Archaeology as Indigenous History in the upper Rio Negro Basin, Northwest Amazon*. Tese de doutorado. Department of Anthropology, Indiana University.
- Neves, Eduardo. 1999. Arqueologia, História Indígena e o Registro Etnográfico: exemplos do Alto Rio Negro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 3, Suplemento, 319-330.
- Neves, Eduardo. 2005. “Tradição oral e Arqueologia na história indígena no Alto Rio Negro”. In: L. C. Forline, R. S. Murrieta & I. C. Vieira (orgs.). *Amazônia além dos 500 anos*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 71-108.
- Neves, Eduardo. 2011. “El nacimiento del “Presente Etnográfico”: la emergencia del patron de distribución de sociedades indígenas y familias lingüísticas en las tierras bajas suramericanas, durante el primer milenio d. C.”. In: J-P. Chaumeil, O. Espinosa de Rivero & M. Cornejo Chaparro (orgs.). *Por donde hay soplo. Estudios amazónicos en los países andinos*. Lima: Instituto Francés de Estudios Andinos, pp. 39-65.
- Neves, Eduardo. 2012a. *Sob os tempos do equinócio: 8.000 anos de história na Amazônia Central (6.500 a.C. – 1.500 d.C.)*. Tese de livre-docência. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia/USP.
- Neves, Eduardo. 2012b. “A história dos Tariano vista pela oralidade e pela arqueologia”. In: G. Andrello (org.). *Rotas de criação e transformação; narrativas de origem e povos indígenas do Rio Negro*. São Paulo/São Gabriel da Cachoeira: ISA/FOIRN, pp. 223-245.
- Neves, Eduardo. 2016. “Não existe neolítico ao sul do Equador: as primeiras cerâmicas amazônicas e sua falta de relação com a agricultura”. In: C. Barreto, H. Pinto Lima & C. Jaimes Betancourt (orgs.). *Cerâmicas arqueológicas da Amazônia. Rumo a uma nova síntese*. Belém: IPHAN, pp. 32-39.
- Nimuendajú, Curt. 1950. Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí, e Uaupés. *Journal de la Société des Americanistes*. Tome 39: 125-182.
- Nimuendajú, Curt. 1955. Reconhecimento dos rios Içána, Ayarí, e Uaupés, março a julho de 1927. Apontamentos linguísticos. *Journal de la Société des Americanistes*. Tome 44: 149-178.
- Noronha, José de Monteiro. 2006. *Roteiro da Viagem do Pará até as Últimas Colônias do Sertão da Província (1768)*. São Paulo: Edusp.
- Ñahuri & K̄marõ. 2003. *Dahsea Hausirõ Porã ukûshe wiophesase merã bueri turi. Mitologia sagrada dos Tukano Hausirõ Porã*. Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 5. São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN.

- Oliver, José. 2001. “The Archaeology of Forest Foraging and Agricultural Production in Amazonia”. In: C. McEwan, C. Barreto & E. Neves (orgs.). *Unknown Amazon. Culture in Nature in Ancient Brazil*. London: The British Museum Press, pp. 50-85.
- Pārōkumu, Umusi & Tōrāmu Kehiri. 1995 [1980]. *Antes o mundo não existia. Mitologia dos Antigos Desana – Kehipōrā*. Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 1. São João Batista do Rio Tiquié/São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN.
- Pérez, Antônio. 1988. “Los Balé (Baré)”. In: J. Lizot (ed.). *Los aborígenes de Venezuela. Etnologia Contemporânea II*, vol. III. Caracas: Fundação La Salle de Ciencias Naturales/Monte Ávila Editores.
- Petersen, James; Eduardo Neves & Michael Heckenberger. 2001. “Gift from the Past. Terra Preta and Prehistoric Amerindian Occupation in Amazonia”. In: C. McEwan, C. Barreto e E. Neves (orgs.). *Unknown Amazon. Culture in Nature in Ancient Brazil*. London: The British Museum Press, pp. 86-105.
- Posey, Darrell & William Balée. 1989. Resource management in Amazonia: indigenous and folk strategies. *Advances in Economic Botanic*, Bronx, v. 7, pp. 1-21.
- Ramirez, Henri. 2001. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: Comparação e Descrição*. Manaus: EDUA.
- Ramírez de Jara, María Clemencia. 1996. “Territorialidad y dualidad en una zona de frontera del Piedemonte Oriental: el caso del Valle dl Sibundoy”. In: C. Caillavet e X. Pachón (orgs.). *Frontera y poblamiento: estudios de historia y antropologia de Colombia y Ecuador*. Bogotá: Instituto Francés de Estudios Andinos, Instituto Amazónico de Investigaciones Científicas, Universidad de Los Andes, pp. 111-136.
- Reichel-Dolmatoff, Ricardo. 1997 [1985]. “Evitación del tapir en el Noroeste Amazónico colombiano”. In: *Chamanes de la selva pluvial*. Foxhole, Dartington, Totnes, Devon: Themis Books, pp. 77-110.
- Roosevelt, Anna. 1980. *Parmana: Pre-historic Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and the Orinoco*. New York: Academic Press.
- Sampaio, Francisco Xavier Ribeiro de. 1985. *As viagens do Ouvidor Sampaio (1774-1775)*. Manaus: ACA – Fundo Editorial.
- Santos-Granero, Fernando. 1998. Writing History into the Landscape: Space, Myth and Ritual in Contemporary Amazonia. *American Ethnologist*, Vol. 25, No. 2 (May), pp. 128-148.
- Santos-Granero, Fernando. 2002. “The Arawakan Matrix: Ethos, Language and History in Native South America”. In: J. Hill & F. Santos-Granero (orgs.). *Comparative Arawakan Histories. Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, pp. 25-50.
- Sarmiento, Francisco. 2018a. *O médio rio Negro indígena: aspectos históricos, socioculturais e panorama antropológico contemporâneo*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília.
- Sarmiento, Francisco. 2018b. Aru, personagem da friagem do rio Negro. *Aru. Revista de Pesquisa Intercultural da Bacia do Rio Negro*, n. 2, agosto de 2018, 2-10.

- Sarmiento, Francisco. s/d. *Uukūsehé ma'a dahsea yeé*. O caminho da fala tukano. (inédito).
- Severi, Carlo. 2010 [2004]. *El sendero y la voz. Uma antropologia de la memoria*. Buenos Aires: Editorial sb.
- Severi, Carlo. 2014. Transmutating Beings: A Proporsal for an Antropology of Thought. *Hau: Journal of Ethnographic Theory* 4 (2): 41-71.
- Silva Costa, Fernando Walter da. 2009. *Arqueologia das campinaranas do baixo rio Negro: em busca dos pré-ceramistas nos areais da Amazônia Central*. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- Stradelli, Ermmano. 1900. Iscrizioni indigene della regione dell' Uaupes. *Bollettino della Societa Geographica Italiana*, v. 4, n. 1, pp. 547-483.
- Sweet, David. 1974. *A Rich Realm of Nature Destroyed. The Amazon Valley. 1640-1750*. Tese de doutorado. University Microfilms, Ann Arbor.
- Useche, Mariano. 1990. "Colonización española e indígenas en el alto Orinoco, Casiquiare y río Negro". In: R. Pineda Camacho & B. Alzate Angel (orgs.). *Los meandros de la historia en Amazonia*. Quito: Abya-Yala, pp. 95-124.
- Valle, Raoni. 2012. "Arqueologia rupestre no baixo rio Negro: diálogo com perspectivas indígenas do alto rio Negro – Amazônia ocidental brasileira". In: G. Andrello (org.). *Rotas de criação e transformação; narrativas de origem e povos indígenas do Rio Negro*. São Paulo/São Gabriel da Cachoeira: ISA/FOIRN, pp. 102-135.
- Vidal, Silvia. 1987. *El modelo del proceso migratori pre-hispanico de los Piapoco: Hipotesis e evidencias*. Dissertação de mestrado. Caracas: Instituto Venezolano de Investigaciones Cientificas.
- Vidal, Silvia. 1987. 1993. *Reconstrucción de los procesos de etnogenesis y de reproducción social de los Baré de rio Negro, siglos XVI-XVIII*. Tese de doutorado. Centro de Estudios Avanzados, Instituto Venezolano de Investigaciones Cientificas.
- Vidal, Silvia. 1987. 2002. "Secret religious cults and political leadership: multiethnic confederacies from Northwestern Amazonia". In: J. Hill & F. Santos-Granero (org.). *Comparative Arawakan Histories. Rethiking language family and culture are in Amazonia*. Urbana: University of Illinois Press, pp. 248-268.
- Vidal, Silvia & Alberta Zucchi. 2000. "Los caminos de Kúwai: evidencias de conocimiento geopolítico de las expansiones y migraciones de grupos arawakos". In: L. Herrera & M. Cardale de Schripff (eds.). *Caminos precolombinos: las vías, los ingenieros y los viajeros*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología y História, pp. 87-113.
- Wright, Robin. 1981. *The history and religion of the Baniwa peoples of the upper Rio Negro valley*. Tese de doutorado. University Microfilms, Ann Arbor.
- Wright, Robin. 1991. Indian slavery in the Northwest Amazon. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*. Série Antropologia, vol 7(2):149-179.
- Wright, Robin. 1992. "História indígena do Noroeste da Amazônia: hipóteses, questões, e perspectivas". In: M. Carneiro da Cunha (org.). *História dos índios no Brasil*. São

- Paulo: APESP/Companhia das Letras/SMC, pp. 253-266.
- Wright, Robin. 2005. *História indígena e do indigenismo no Alto Rio Negro*. Campinas/São Paulo: Mercado da Letras/ISA.
- Wright, Robin & Jonathan Hill. 1986. History, Ritual and Myth: Nineteenth Century Millenarian Movements in the Northwest Amazon. *Ethnohistory*, 33(1), pp. 31-54.
- Xavier, Caco. 2008. *A cidade grande de Ñaperikoli e os petroglifos do Içana: uma etnografia de signos baniwa*. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro.
- Xavier, Caco. 2012. “A escrita de Ñaperikoli”. In: G. Andrello (org.). *Rotas de criação e transformação; narrativas de origem e povos indígenas do Rio Negro*. São Paulo/São Gabriel da Cachoeira: ISA/FOIRN, pp. 195-210.
- Zucchi, Alberta. 2002. “A new model of the northern Arawakan expansion”. In: J. Hill & F. Santos-Granero (orgs.). *Comparative Arawakan histories: rethinking language family and culture are in Amazonia*. Chicago: University of Illinois Press, pp. 199-222.
- Zucchi, Alberta. 2010. “Antiguas migraciones Maipures y Caribes: dos areas ancestrales y diferentes rutas”. In: E. Pereira & V. Guapindaia (orgs.). *Arqueologia Amazônica*, v. 1. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi.